

23



Leitor fluente

A partir de 10/11 anos



ISBN 978-85-7675-221-9



9 788576 752219

Paula tem 12 anos, mora com a mãe e o padrasto e só pensa em badalação e roupas de grife. Mas essa rotina muda quando sua escola tem de fechar por uma semana, obrigada pelos líderes da favela próxima a guardar luto pela morte de um traficante. Durante esse período, a garota vai passar as “férias” com João, o pai que encontra cada quinze dias.

A vida de João está do avesso: ele acaba de perder a mãe e, para complicar, não se entende com Paula. Mesmo fragilizado, João está disposto a se aproximar da filha. E para isso planeja uma viagem a Macapá! E na convivência, às vezes tumultuada, durante os dias que passam juntos, pai e filha começam a se conhecer melhor.

Ivan Jaf nasceu no Rio de Janeiro, em 1957. Com mais de 30 títulos publicados, hoje é autor de destaque entre o público infantil e juvenil. Pela Edições SM, Ivan Jaf publicou O menino que caiu no buraco.

sm

sm

Ivan Jaf



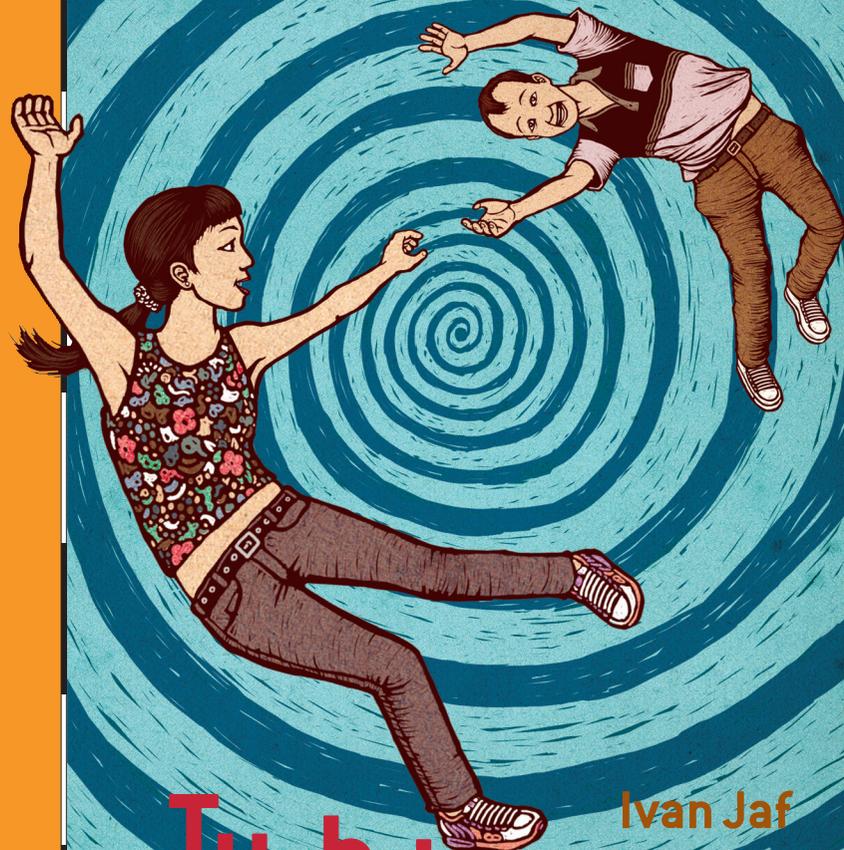
Turbilhão em Macapá

23

BARCO



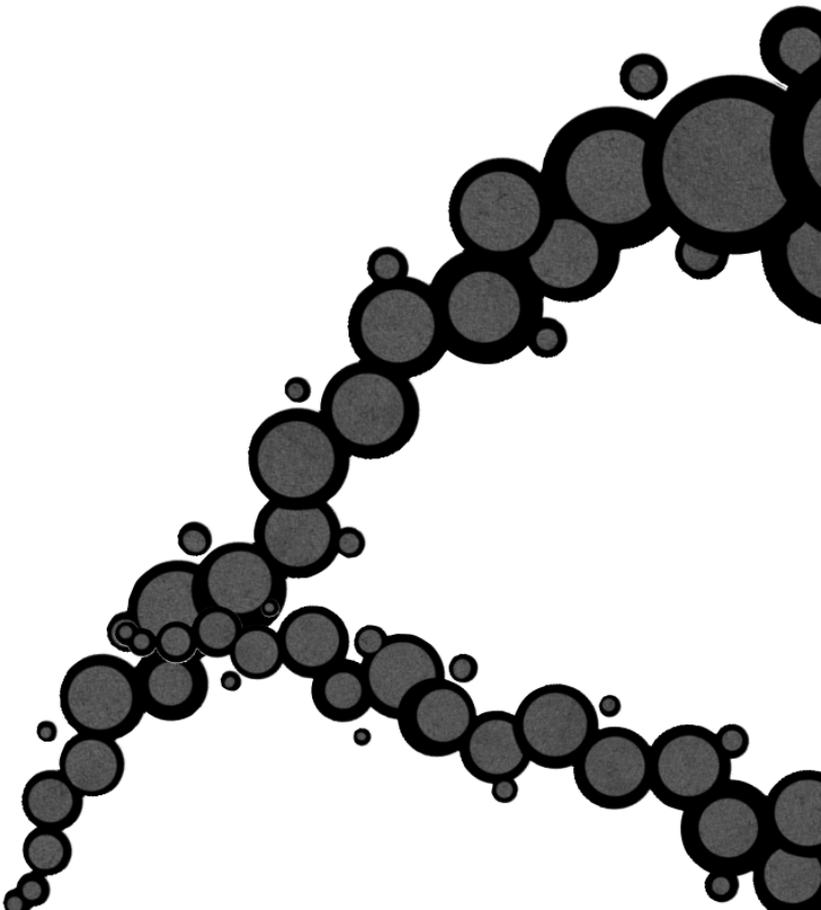
A VAPOR



Turbilhão
em Macapá

Ivan Jaf

Turbilhão em Macapá

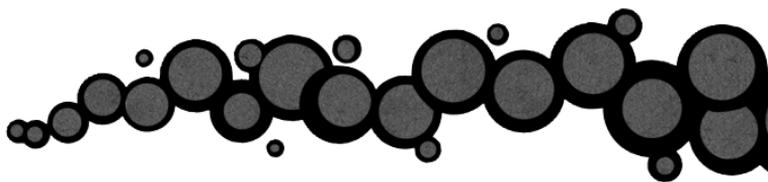


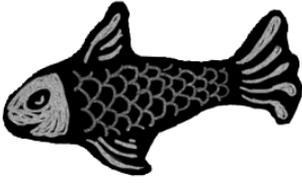
Ivan Jaf

Turbilhão em Macapá

ilustrações

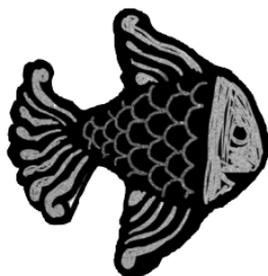
Adams Carvalho





Sumário

- Pedaços da vida 7
- Vórtice de Coriolis 13
- A segunda volta 25
- Depois do fim do mundo 35
- O irmão relógio 43
- Grãos de cevada enfileirados 55
- Como ser feliz, apesar de tudo 69
- Mãe tricotando no paraíso 81
- Peixes nadando no ar 99
- Três regras para a sobrevivência 121
- Turbilhão em Macapá 137
- BR-156 155
- Ninho de maritacas 177



Quando um homem se acha descontente consigo próprio, a vantagem é que isso o coloca em excelente disposição de espírito para fazer qualquer negócio.

Laurence Sterne (1713-1768)

para Isaura

Pedaços da vida

Paula ficou triste quando sua avó morreu, mas concluiu que seu pai devia estar mais triste ainda, porque ele conhecia a mãe dele fazia muito mais tempo, sem falar que havia saído de dentro da barriga dela, e isso tem um peso danado.

O pai se chamava João e tinha 42 anos. Ele trabalhava como redator numa firma de publicidade e ganhava a vida escrevendo frases como “novo condicionador, agora com o fator hidratante Ômega Plus”, “o refrigerador dos seus sonhos, agora com o exclusivo Split Art Cool”, “acelere com força, ultrapasse, deixe os outros para trás, agora com o incrível Flex Power”. O problema é que em sua vida não havia um Ômega Plus, nem um Split Art Cool, muito menos um Flex Power. Era uma vidinha idiota, fazendo



um trabalho que detestava, ganhando mal e recebendo ordens.

Estava separado da mãe de Paula havia muito tempo. Via a filha de quinze em quinze dias. Ficava com ela uma semana, nas férias. Uma porcaria de vida.

Paula tinha doze anos. Ele era louco pela filha.

João morava sozinho num quarto e sala na rua São Francisco Xavier, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Um prédio sem graça, com vizinhos que viam novelas na tevê, acompanhavam o campeonato de futebol e ficavam gordos se entupindo de refrigerantes. O porteiro toda noite derramava uma lata de creolina na calçada para impedir que os moradores de rua dormissem embaixo da marquise.

João saía cedo, tomava café na padaria da esquina da rua Morais e Silva, com os pombos esperando as migalhas de pão que ele sacudia da camisa, depois pegava o metrô, passava o dia no centro da cidade, voltava para casa às cinco, vestia uma bermuda, calçava o tênis e fazia seus

quarenta minutos de caminhada em volta do estádio de futebol do Maracanã. Quarenta minutos correspondiam a duas voltas, nem precisava levar relógio.

Aquelas duas voltas em torno do Maracanã eram sua religião: uma prática meio absurda, mas que lhe fazia bem.

Se algum sonho ainda sobrevivia, respirando sob a montanha de escombros em que se havia enterrado, era o de não voltar para casa. Continuar a caminhada indefinidamente, mas, em vez de ficar dando voltas, ir em linha reta, num fim de tarde sem fim.

Agora, sua mãe tinha morrido.

No enterro, ficou todo o tempo de mãos dadas com Paula. Os dois choravam vendo o rosto magro cercado de flores, os dedos ossudos entrelaçados sobre a barriga, os olhos finalmente fechados, em paz.

João começou a fazer contas. A mãe durara 75 anos. Ele a conhecera por 42 anos. Ela já vivia havia 33 anos quando ele nasceu. Pais e filhos nunca se conhecem inteiramente, ele pensou. Os pais

não veem a velhice dos filhos. Os filhos não conhecem a infância dos pais.

João só pôde conhecer um pedaço da vida da mãe. Da pessoa que ele mais amava, sua filha, também só ia conhecer um pedaço, um pequeno trecho. Paula era um livro que ele não ia poder ler até o fim.

E só via a filha de quinze em quinze dias. Estava pulando páginas.

Era desesperador.

Só havia uma saída.

Ser um pai melhor.

Vórtice de Coriolis

Os traficantes da favela da Rocinha estavam disputando a chefia do comércio de drogas. A polícia matara o líder antigo, e agora duas facções criminosas lutavam pelo poder com granadas e fuzis.

Paula estudava numa escola particular tradicional do Rio de Janeiro na estrada da Gávea, junto à Rocinha. As janelas dos fundos já haviam sido protegidas com uma malha de aço contra as balas. Sempre que morria um traficante, a escola era obrigada a fechar, em sinal de luto. Dessa vez, segundo a ameaça de uma voz anônima no celular da diretora, o luto seria de uma semana.

Por isso a campanha de João tocou naquela manhã de segunda-feira do mês de abril. Era

Paula. Vinha passar a semana com o pai. A mãe a deixara na portaria.

João estava nervoso. Não havia se programado para ficar com a filha naquelas férias fora de hora. Porém decidira ser um pai melhor, e a primeira providência foi telefonar para o trabalho, de manhã bem cedo, dizendo estar arrendo em febre. Depois daria um jeito de conseguir um atestado médico. Ia ficar com a filha a semana inteira, e que o resto do mundo se danasse.

Aparava a barba quando ela chegou.

— Entra! A porta tá aberta!

Escutou a porta bater. Logo depois, a televisão foi ligada.

— Tudo bem? — ele tornou a gritar.

— Tudo — ela respondeu.

— Eu não mereço nem um bom-dia? O que a televisão tem que eu não tenho?

Ele aparava a barba de tempos em tempos. Os fios de cabelo caíam na pia. Então passava espuma no pescoço e raspava com o aparelho de barbear. Depois lavava tudo com bastante água.

Paula tinha mania de limpeza. Quando entrou no banheiro e viu o ralo da pia entupido de cabelo e a água quase transbordando, fez cara de nojo.

— Seu apartamento tá um lixo. A pia da cozinha tá cheia de prato sujo. Tem uns mosquitos passeando em cima do fogão, tão gordos que nem voam mais. A sala tá cheirando a chulé. Tem um resto de pizza no sofá. E tem livro espalhado por todo canto!

— Bom dia, filha.

— E olha essa pia!

— Eu não sabia que você vinha. O dia da faxineira é quinta. Mas eu vou dar um jeito. Deixa comigo. Vou começar por essa pia aqui.

Ele tentava brincar, mas na verdade sentia-se muito mal. Estava triste. Tinha a sensação de ter sido deixado sozinho num mundo estranho, ameaçador. Fazia vários dias que sentia uma inquietude que não o deixava dormir direito, que lhe tirava até o apetite.

O trabalho e a rotina o haviam distraído um pouco, e na solidão daquele apartamento ninguém percebia o que se passava com ele, mas, agora, a

perspectiva da semana livre e da presença constante da filha o deixavam muito aflito.

Dormira mal. Resolvera aparar a barba. Pés-sima ideia. Ficar diante do espelho piorara as coisas. Seu reflexo era como uma paisagem antiga, que só lhe trazia lembranças ruins. O espelho o desaprovava. Naquele rosto era fácil encontrar a aflição, o medo, a solidão e até o fracasso. Ele não queria que a filha visse isso. Tarde demais.

— Você não tá legal, né? — ela disse, encostada no batente da porta.

— Vamos dizer que, num desfile de escola de samba, se o enredo fosse a felicidade, eu não seria o mestre-sala.

Ele não sabia de onde tinha tirado aquela resposta maluca.

— É a vovó, não é? Tá triste porque ela morreu.

— Isso, Paula. É isso. A gente fica triste quando perde alguma coisa de que gosta.

— Você perdeu o vovô também. Eu lembro.

— É. Tem dois anos. Pra mim é como se os dois tivessem ido juntos.

— Você agora tá órfão.

— Não tinha pensado nisso.

— Todo mundo acha que só criança fica órfã, mas não é, não. Órfão é quem perde os pais. Pode ter setenta anos, fica órfão do mesmo jeito.

— Legal isso, Paula. Onde você aprendeu?

— Eu tenho meus próprios pensamentos, sabia?

— Foi mal.

— Mas não é porque você ficou órfão que vai viver num chiqueiro desses, cara!

— Tá, tá — João resmungou e enfiou a mão direita dentro da pia, para desentupir o ralo.

A água começou a escorrer com força. Ele ficou parado, olhando. Ela também.

Foi um momento estranho. Os dois em silêncio, olhando a água descer pelo ralo. A espuma de barba, flutuando, sendo arrastada para o fundo.

— Ela tá indo pro ralo no sentido dos ponteiros do relógio — ele disse.

— Ela quem?

— A espuma de barba.

— E o que tem isso?

— Nada.

— Tá maluco?

— Se a gente estivesse no hemisfério norte, a espuma ia descer girando no sentido anti-horário.

— Pirou?

— Aprendi semana passada, lá no trabalho. Estamos fazendo uma campanha de sabão em pó. É um desenho animado. Uma dona de casa esvazia um tanque cheio, com uma meia dentro. Ela descobre que a meia continua suja porque não usou o sabão em pó que a estrela da novela das oito usa. Aí o Euzébio, o estagiário, disse que o filme estava errado, porque a meia estava indo pro fundo do tanque girando ao contrário dos ponteiros do relógio, e isso só acontece se a dona de casa mora no hemisfério norte, o que não era o caso.

— É verdade isso?

— Pior que é, Paula. Eu pesquisei. Quer saber?

— Fala.

— Quando a gente destapa um ralo, a água não escorre direto, ela entra nele rodando.



— Eu sei.

— É um movimento em espiral. Em física chamam de vórtice. É um redemoinho.

— Já entendi.

— Eu prefiro chamar de turbilhão. É uma palavra mais bonita. Turbilhão. Dá mais ideia de movimento, de velocidade, de precipitação...

— Tá, mas o que é que isso tem a ver com os hemisférios da Terra?

— Um físico chamado Coriolis reparou que os turbilhões giravam em sentidos opostos, dependendo do hemisfério.

— Por quê?

— É complicado explicar, mas tem a ver com a rotação da Terra. A água não entra direto pelo ralo porque a Terra não tá parada, entende? A Terra também tá girando, e isso desvia a água, para um lado ou para o outro, dependendo do hemisfério. Os hemisférios têm polos opostos, que se anulam na linha do equador...

— Você tá querendo me dizer que, se a gente destapar o ralo de uma pia na linha do equador, a água escorre sem girar pra nenhum lado?